

Por fim, neste momento em que por toda parte, assume importância o problema ambiental, ou seja, o que em linguagem singela, se chama *defesa do ambiente*, é preciso, para não dizer prioritário, criar uma consciência da necessidade de defesa dos recursos naturais, cuja interdependência é uma resultante de sua variedade e complexidade.

Não é desprovida de importância, em consequência dessa complexidade, a advertência de **Philipe Saint Mare**, sobre a destruição dos recursos naturais, ao lado do crescimento explosivo da população, o que é mais evidente nos países subdesenvolvidos ou em fase de desenvolvimento, eis o caso do Brasil.

É a advertência do celebrado etnólogo, para quem há bens imateriais com valores de igual ou superior significação dos bens materiais, considerados como valiosos. Figuram entre os recursos naturais interdependentes que merecem ser considerados, quando se trata da propriedade rural, o ar puro, os espaços livres, a paisagem, dentre outros que não só devem ser preservados, mas estimulados.

O novo milênio deverá implicar em mudanças radicais para defesa da terra agricultável e para os recursos que informam a sociedade rural.

O decurso do tempo implica em mudanças e em transformações que se costuma considerar como evolução e já agora como uma revolução, face aos surpreendentes progressos tecnológicos.

A evolução, como ensinara **Jacques Monod**, é uma "seqüência estrita de acaso e necessidade. O acaso de mutações randômicas e a necessidade de sobrevivência" (**Jacques Monod**, *Chance and Necessity*, Knop New York 1971).

COMEMORAÇÃO DOS 155 ANOS DO IAB

Em sessão realizada no dia 12 de agosto, foi comemorado o transcurso de 155 anos da fundação do Instituto dos Advogados Brasileiros.

O orador oficial, dr. **José Alfredo Ratton**, pronunciou discurso do seguinte teor:

"Senhor Presidente,

Autoridades que nos honram com sua presença,

Senhoras e Senhores que nos dignificam estando aqui:

Há 155 anos que os advogados brasileiros se reúnem neste Instituto, sempre às quartas-feiras, para debater questões jurídicas e discutir problemas nacionais. Todos os grandes temas do Direito — o Código Civil constituição do cotidiano, foi aqui debatido, — a Legislação Trabalhista, redentora da mão-de-obra, foi aqui discutida; — as leis maiores, nossas Constituições, foram aqui tratadas. Esta casa foi pioneira nos debates sobre a escravatura, em 1845, na voz de **Caetano Alberto** e **Malheiros**; daqui surgiram projetos da grande, única revolução que fizemos: a liberdade dos escravos! Mas, aqui também se discutiu a República, o Parlamentarismo, a industrialização do País, a reforma agrária; aqui se reagiu, de uma forma ou de outra, contra todas as restrições aos direitos; a Democracia, ideal supremo, sempre foi tema deste Instituto. Esta Tribuna sempre foi a tribuna da Liberdade!

Cobre esta Tribuna, uma página feita de cultura, coragem, visão e esperança. É muita honra aqui falar. Temos que ser humildes,

porque aqui se ouviu a voz de **Teixeira de Freitas**, **Ruy Barbosa**, **Clóvis Beviláqua**, **Pontes de Miranda**. Aqui se ouviu, também, a voz de **Francisco Gomes Brandão**, que tomaria mais tarde o nome de **Francisco Gê Acaiaba de Montezuma**, e que, recusando o título de *Barão de Cachoeira*, acabou sendo o *Visconde de Jequitinhonha*. Sim, nosso primeiro presidente, **Francisco Gê de Acaiaba Montezuma**, uma figura polêmica, dona de uma vida das mais ricas entre os estadistas do Império. Dele diz **Gilberto Amado** que fora *dos quem mais bem pensara o País, de forma original e pioneira*. **Montezuma** foi médico pela Bahia, bacharel em Direito por Coimbra, foi militar; passou pelo Mosteiro de São Francisco, em Salvador, foi deputado, conselheiro do Império, banqueiro, diplomata, ministro do Gabinete Feijó, advogado militante. Que personalidade a de **Montezuma!** Irônico, vaidoso, corajoso, polêmico, contraditório, uma figura fascinante que ainda não ganhou biografia definitiva.

Nesta Tribuna ouviu-se a voz de **Teixeira de Freitas**, personalidade completamente diversa da de **Montezuma**. Ensimesmado, tímido sem dúvida, introvertido, sem os brilhos do aparecer, mas com a chama do fazer: **Teixeira de Freitas**. O advogado, com escritório no *Beco das Cancelas*, foi o paciente e arguto compilador do Esboço do Código Civil, obra antecessora e antecipadora de todo o sistema do Direito Civil. Civilista que, se houvesse escrito suas obras em língua mais divulgada que o Português, seria hoje considerado um clássico do Direito Civil na literatura jurídica universal de sua época, pois isto de fato ele o foi. **Teixeira de Freitas** não era apenas o jurista, mas também o grande advogado de seu tempo, e ainda, e sobretudo, caráter inatacável e intransigente que só cultuava a verdade. Não soube ou não quis sua contemporaneidade louvar sua grandeza, mas, *tempus optimus judesc rerum omninium* e hoje **Teixeira de Freitas** ocupa o lugar que lhe cabia: por direito o dos maiores, senão o maior jurista deste País.

Teixeira de Freitas e **Montezuma**, personalidades tão diversas — o Visconde de Jequitinhonha, fulgurante, polêmico; — **Teixeira de Freitas**, discreto, ainda que iluminado e iluminador.

Senhores, vivemos um tempo de mudanças. As informações cortam o planeta a tempo de segundos. As modificações se produzem radicais e rapidamente. Não foi apenas o espaço, o mundo que mudou: foi o Tempo! Sobretudo, foi o Homem que mudou. Certa-

mente a estrutura modifica a superestrutura como queria **Marx**, mas a estrutura é feita pelo homem. A estrutura é, em grande parte, criação humana; o homem está criando esta nova natureza. De dois componentes ele cria um, artificial e inexistente. O homem está criando uma nova natureza. Ele não apenas descobre a lei da relatividade com **Einstein**, ou a estrutura atômica com **Marc Planck** ou **Boëhr**; o homem inventa!

Vivemos um século revolucionário e contraditório. Assistimos à revolução de 1917 e vimos a queda do mundo socialista; acompanhamos o *Well Faire Status* e vivemos o mundo neoliberal. Curamos a paralisia infantil e a tuberculose, e sofremos a AIDS. Aproveitamos a energia hídrica em imensas hidrelétricas, captamos a do sol, e, ao mesmo tempo, criamos a poluição. Aproximamos os extremos geográficos, reunimos multidões internacionais e nos sentimos sós, isolados, sozinhos, numa multidão sem laços.

O homem evolui: a escrita, a imprensa, o computador. O mundo escravocrata, o feudal, a monarquia absoluta: o Estado Constitucional, a democracia pluralista e, quem sabe, oxalá, o Estado democrata e fraternal.

Dizia que vivemos um século de mudanças: até bem pouco, a estrutura tinha por base a fábrica, o produto; hoje, é o banco, a bolsa, a moeda. A economia tinha por elementos o capital, a matéria-prima e o trabalho; hoje, a tecnologia tudo modificou e vivemos a economia da informação!

A Bolsa de Mercadorias de Chicago pode ter dados sobre a safra de soja de um país antes mesmo deste país, pela observação do satélite artificial. A produção de um protótipo de automóvel, que levava trinta meses para se concretizar, faz-se hoje em apenas nove, com o auxílio do computador e sua instrumentação. O desenho animado, fantasia da infância de todos nós, que era feito trabalhosa e lentamente por um desenhista, é feito pelo computador ou via Internet, rápida e partilhadamente, por cem desenhistas em tempo *record*.

O mundo mudou, e os “fato — espécie” que dão origem às instituições e à norma jurídica, mudaram. Há que mudar a norma e as instituições.

O capitalismo de hoje não é mais o da linha de montagem da Ford: é o da Informática de **Bill Gates**. O Estado de hoje não é germânico ou gaulês: nações rivais, se não inimigas, agora se unem. Hoje, a moeda não é o marco nem o franco, é a euro-moeda. A Bolsa de Valores de Londres se une à de Frankfurt. O Parlamento europeu reúne alemães, franceses, belgas, italianos. Não há mais fronteiras européias, há a Europa. Não existem mais fronteiras geográficas, políticas; só existem fronteiras econômicas.

Talvez o conceito de fronteira, de soberania, de Estado, esteja a mudar. Mas nós, Senhores, devemos, teremos de ser diferentes. Como já dizia **Raul Fernandes** na década de 50, “*só ou associados, devemos ser fortes!*” Somos um continente. Um continente original! Não fomos bafejados pela geografia e pela História, com todas as graças, como nossos queridos e bravos irmãos do Norte. Não somos a velha Europa, a nossa amada Europa, que certamente é nossa mestra mas não deve ser o nosso modelo. Somos uma individualidade pela nossa geografia, sim, mas somos uma originalidade por nosso povo! Nosso povo que é maior, bem maior que nós, elite. Nós, Senhores, pelo que nos foi dado, pelo que nosso povo penosamente construiu, pelo que de melhor nossa elite pensou, mesmo num mundo globalizado, não nos podemos permitir ser coloniais; temos que ser autênticos ou nada seremos!

Porém, como diz o poeta **Chico Buarque**:

“(...) *Gira mundo, gira gigante,
gira moinho, gira pião,
o mundo mudou num instante...*”

(...)

Mudou o mundo, mudou o Direito. Os bacharéis da década de sessenta se abrirem seus livros verão que o Direito Internacional era um, com os Estados, e hoje é outro, com as comunidades e mercados; os civilistas estudaram que o casamento era indissolúvel, hoje a união é estável; o contrato era irretroatável, hoje as cláusulas podem ser abusivas: o Direito Trabalhista era pétreo, hoje é flexível.

A própria cientificidade do Direito está mudando. Ontem, o sistema de Direito Civil, Penal, Comercial, Constitucional. Hoje, o

Código de Defesa do Consumidor reúne numa lei artigos de Direito Civil, Comercial, Econômico, Penal, Processos Civil e Penal. O que existe, agora, são os subsistemas jurídicos interdisciplinares.

O Processo Civil não mais tutela apenas os interesses individuais, porém, também, os transindividuais, com a adoção entre nós da “*class action*”, na lei que regula a Ação Civil Pública e no Código do Consumidor. Os próprios códigos, na tradição do de Napoleão, que não poderia sequer ser interpretado, na sua perenidade, permaneceriam num tempo de mudanças?

Os parlamentos, por outro lado, nos seus lentos diálogos, serão eles as instituições políticas de feitura das leis no ritmo de transformações e tecnicidade em que vivemos? Ou o futuro das leis será delegado a instituições menores porém, mais representativas, capazes de agilizar as normas em tempo... “*Em tempo real*”. Como será o Direito Eleitoral com o computador e a televisão?

Senhores, há muito mais: como será o “*espaço público*”, será o palanque ou a telinha da televisão? A rua buliçosa, alegre ou violenta, ou a sala com o aparelho de tevê? E o ator político será o do gesto, da palavra, do olhar, do calor da presença, do improvisado, ou o da maquiagem, do *close*, ou a fria câmera eletrônica. O ator falará sobre Direito, Liberdade, Fraternidade, ou sobre taxa de juros, índice de inflação, valor de moeda?

E o “*espaço íntimo*”? Será o calor dos corpos se unindo na fantasia do amor, ou será a fantasia multimídia, colorida eletronicamente, cobrada por cartão de crédito, via Internet? Será o espaço íntimo recluso ou flagrado por uma câmera do satélite artificial, como no *Admirável Mundo Novo*, de **Huxley**, ou o 1988, de **George Orwell**? Como será este continente chamado Brasil, tão original, tão alegre no caráter de seu povo, tão sofrido na multidão de sua pobreza quando não na de sua miséria? O Nordeste, a favela, o candango, o desvalido, a fome, teremos nós idealismo e vontade política para remover essa mancha como fizemos com a escravidão? É nosso dever!

Há um mundo novo, um novo mundo. Vivemos uma época terrível, do Plutônio e das drogas. Que transtornos, que dificuldades, que alegrias, que surpresas está a nos revelar?

Mas, neste mundo, o Direito tem um lugar. O Direito é sempre a Esperança do injustiçado, o recurso do oprimido, a Liberdade do dominado. Só o Direito, por sua essência e tecnicidade, será capaz de harmonizar interesses, resolver conflitos, realizar a Justiça e, como queria **Kant**, *fazer a paz!*

Tremendos desafios nos esperam. O homem há de se modificar modificando o mundo e sendo modificado. Mas esperemos que não mude em sua essência, em sua humanidade.

Pois, como bem diz **Fernando Pessoa**:

“Torna-me humano, ó noite, torna-me fraterno e solícito.

Só humanitariamente é que se pode viver.

Só amando os homens, as ações, a banalidade dos trabalhos.

Só assim — aí de mim! — só assim se pode viver”.

Senhor Presidente, já muito me alongo. Festa de aniversário é festa de alegria, de flores, de sorrisos, de abraços. **Picasso** dizia que leva-se tempo para se chegar a ser jovem; o nosso Instituto é assim: uma antiga, centenária, mas jovial instituição que já agora atende, via Internet, a milhares de consultas pelo seu Homepage <<http://www.ibpinet.com.br/iab>>

POSSE DO SÓCIO DR. CARLOS MÁRIO VELLOSO FILHO

Ao empossar-se sócio do IAB em sessão do dia 19 de agosto, o Dr. **Carlos Mário da Silva Velloso** pronunciou o seguinte discurso:

“Este momento é para mim de muita emoção.

Dois sentimentos me invadem a alma.

O primeiro, e o maior de todos, é o de grande honra.

Sinto-me muito honrado com a distinção desta Casa, que, sabemos nós advogados, constitui a mais importante congregação de profissionais da advocacia de nosso país.

Uma entidade que acaba de comemorar seus cento e cinquenta e cinco anos de serviços prestados ao Brasil. Desde a sua fundação, o Instituto dos Advogados Brasileiros vem sendo ouvido, com reverência, pelos poderes constituídos, nos principais processos de criação e modificação do direito positivo brasileiro.

Também nos momentos de crise político-institucional, a história revela que a sociedade sempre mirou atentamente o Instituto dos Advogados Brasileiros. E é bem por isso, Sr. Presidente, meus confrades, que a emoção que agora experimento deve-se a um segundo motivo: o peso da responsabilidade.

Sei que o prestígio do Instituto dos Advogados Brasileiros tem como maior causa o valor dos homens que o integram e dirigem.

Os advogados e a sociedade em geral não confiariam tanto nesta Casa, não fosse ela integrada por legítimos representantes da cultura